



*Destino*

# *Fortaleza*

*Daniel Silva*

DANIEL SILVA

*Destino*

# *Fortaleza*

1ª Edição

*São Luís (MA)*  
*Edição do Autor*  
*2012*

**Título**

Destino Fortaleza

**Autor**

Daniel Silva

**Revisão**

Luiz Fernando Matos / Donato Silva / Ivo Silva

**Capa e montagem final**

Daniel Silva

**Contato**

---

Silva, Daniel.

Destino Fortaleza – 1ª ed. – Maranhão: Edição do  
Autor, 2012.

105p.; e-Book (14x21cm)

ISBN 978-85-914319-0-8

1. Ficção Científica 2. Ufologia I. Título

xx-xxxxx

CDD-B869.3

---

*"Toda a história da ciência tem sido a realização gradual de que eventos não ocorrem de forma arbitrária, mas de que eles refletem uma certa ordem fundamental, que pode ou não ser divinamente inspirada."*

*Stephen Hawking*



---

## Sumário

<b>Prefácio.....</b>	<b>8</b>
<b>Destino Fortaleza .....</b>	<b>10</b>
<b>1. Pé na estrada .....</b>	<b>12</b>
<b>2. O calor da noite .....</b>	<b>16</b>
<b>3. O contato .....</b>	<b>20</b>
<b>4. O pedido de ajuda .....</b>	<b>24</b>
<b>5. A comunicação mental .....</b>	<b>30</b>
<b>6. Planetas irmãos .....</b>	<b>32</b>
<b>7. A comunicação mental plena .....</b>	<b>34</b>
<b>8. Respirando outros ares .....</b>	<b>36</b>
<b>9. O sistema solar .....</b>	<b>38</b>
<b>10. O mecânico espacial .....</b>	<b>40</b>
<b>11. A viagem no tempo .....</b>	<b>44</b>
<b>12. A viagem espacial .....</b>	<b>50</b>
<b>13. O homem do passado .....</b>	<b>54</b>
<b>14. A missão .....</b>	<b>58</b>
<b>15. Uma cultura superior .....</b>	<b>62</b>

---

<b>16. O futuro da Terra.....</b>	<b>64</b>
<b>17. A poluição ambiental.....</b>	<b>68</b>
<b>18. A renovação contínua.....</b>	<b>70</b>
<b>19. Concluindo a ordem de serviço .....</b>	<b>74</b>
<b>20. O segundo contato da noite .....</b>	<b>78</b>
<b>21. O dia seguinte .....</b>	<b>80</b>
<b>22. De volta para casa .....</b>	<b>84</b>
<b>23. O encontro nas nuvens .....</b>	<b>86</b>
<b>24. O exame médico.....</b>	<b>90</b>
<b>25. Duras noites .....</b>	<b>94</b>
<b>26. Um novo encontro .....</b>	<b>96</b>
<b>27. Sonho ou realidade .....</b>	<b>100</b>
<b>28. Para a posteridade.....</b>	<b>104</b>

## **Prefácio**

Basta uma rápida pesquisa pela internet para verificar que a nossa ciência estima, em bilhões, o número de estrelas só na Via Láctea. Apesar da tecnologia de detecção ainda ser primitiva, é plausível conceber que a maioria dessas estrelas possui planetas girando ao seu redor. Comparando com o nosso sistema solar, não é difícil imaginar, que entre esses planetas devem existir milhares que sejam minimamente parecidos com o nosso. Os cientistas já confirmaram a presença de vida nos lugares mais inóspitos da Terra vivendo à base de elementos distintos do carbono. Se não fere os nossos sentidos, isso necessariamente não quer dizer que algo não exista. O que existe além do espectro visível da luz? Como seria a nossa vida se nos fosse permitido enxergar a radiação ultravioleta ou as ondas de rádio? Seria um mundo totalmente diferente! É um desperdício de inteligência, é menosprezar a força divina que move o universo acreditar que a vida esteja restrita a um pequeno ponto azul na infinitude do universo.



## Destino Fortaleza

Passamos grande parte de nossas vidas acreditando que certos eventos nunca ocorrerão conosco. Gostamos de pensar que são fatos para pessoas com muita sorte ou com muito azar. ***Destino Fortaleza*** é uma dessas situações que você sempre sonhou em viver, mas nunca acreditou que pudesse ocorrer. Muitos já desejaram estar com uma inteligência superior. Fantasiaram situações, pensaram em como agir, no que perguntar. Imaginaram ser a resposta para todos os seus mais íntimos questionamentos. Mas quando se é pego de surpresa todos os planos vão por água a baixo. No final de tudo, se é que existe final para um encontro dessa magnitude, a única pergunta que se consegue fazer é: “– *Por que eu?*”.



## 1. Pé na estrada

Passava um pouco mais das dezoito horas quando cheguei em Teresina. Tinha pela frente mais seiscentos quilômetros de estrada e precisava chegar a tempo para a reunião em Fortaleza. Era uma noite quente e calma. Cortei a cidade procurando um lugar para jantar e descansar. Planejava comer alguma coisa leve, dormir e pegar a estrada novamente lá pelas quatro horas da manhã.

Próximo à saída da cidade parei em um posto de gasolina e pedi para encher o tanque. Enquanto o frentista fazia o seu trabalho fiquei admirando o céu. Era uma noite de lua quase cheia. Era possível deslumbrar sua magnitude, mas seu brilho ainda não era total. Com a pouca luminosidade daquela parte da cidade, era possível visualizar centenas de estrelas. Sem o ofuscamento dos faróis eu podia ver quilômetros de estrada a minha frente.

Após abastecer, rodei por mais alguns quilômetros e parei em um restaurante de beira de estrada. Pedi um prato feito e enquanto comia reparei novamente no céu. As condições de visibilidade da rodovia eram muito boas. De repente me deu vontade de continuar.

Pensei que poderia parar para descansar somente na Serra de Tianguá. Seriam mais trezentos quilômetros. Meu relógio marcava dezenove horas e quarenta minutos. Eu chegaria a Tianguá por volta da meia noite, descansaria, sairia às seis da manhã e chegaria a Fortaleza a tempo de participar da reunião. Realmente era uma boa ideia! Dei uma boa alongada no esqueleto, entrei no carro e parti em direção a serra.

Olhei para o relógio do carro. Já estava rodando há quase três horas. Ao longe, lá no alto, já era possível observar as luzes da cidade de Tianguá. Parei num posto de gasolina. Enquanto abastecia, perguntei ao frentista onde poderia conseguir um quarto para passar a noite. Ele me deu algumas indicações e começamos a falar sobre a descida da serra, sobre as atrações turísticas e ficamos quase trinta minutos jogando conversa fora. Agradei a presteza e fui para a estrada encontrar uma das indicações fornecida por ele para passar a noite.

A estrada, o céu, tudo continuava tranquilo e calmo. Quando me dei conta, estava saindo da cidade e descendo a serra. Parei num ponto seguro do acostamento, verifiquei o celular e percebi que ainda tinha sinal. Enviei uma mensagem para minha esposa informando

que estava tudo bem. E também uma para um colega de trabalho informando-o que estava perto de Fortaleza e que iria chegar a tempo para a reunião. Pensei em voltar para procurar o hotel informado, mas de repente me veio àquela voz na cabeça “*dane-se!*”. Decidi continuar e chegar logo em Fortaleza. Seriam mais quatro ou cinco horas de estrada. Eu iria chegar lá pelas seis horas, faria o *check-in* no hotel e dormiria até o horário da reunião. Foi mais uma brilhante sacada da minha parte.

Desci a serra; o trânsito era quase inexistente. Na BR<sup>1</sup> um ou outro veículo cruzava o meu caminho. Depois de uma hora de estrada cheguei à cidade de Sobral. Parei num posto de gasolina e indaguei ao frentista sobre as condições da estrada. Na semana passada, um amigo que havia feito o mesmo trajeto, me falou que a rodovia após a cidade de Sobral estava intransitável. O frentista confirmou a informação e disse que era melhor eu transitar pelas estaduais, pois apesar da distância ser maior, o tempo final seria o mesmo, já que elas estavam em melhores condições. Aceitei o conselho, cruzei a cidade e continuei a viagem evitando as rodovias federais.

---

<sup>1</sup> Prefixo de identificação de rodovias federais no Brasil.

Tudo indicava que seria uma noite tranquila e monótona, principalmente porque era domingo. A estrada estava realmente em boas condições e eu conhecia bem o trajeto, então era possível curtir a viagem sem muitas preocupações. Passei por vários povoados e cidadezinhas à beira da estrada. Dificilmente avistava-se alguma alma viva nas ruas. Não se via nem mesmo animais na estrada. Pouquíssimos veículos cruzavam o meu caminho. Era uma calma estranha como se anunciasse algo por vir.

## 2. O calor da noite

Sobral já estava há uma hora para trás. A noite continuava calma e o céu mais limpo que antes. A lua ainda clareava a estrada. Havia copiado para o MP3<sup>2</sup> do meu carro mais de duas mil músicas, dos mais variados ritmos. Essa variedade de gêneros musicais me ajudava a manter a atenção na estrada. Num momento estava curtindo o Rei Roberto, no outro a Volta de Leidiane<sup>3</sup>.

A noite continuava quente, olhei para a margem da estrada, para o lado do passageiro e vi aquele mormaço sobre a copa das árvores. Era mais uma noite quente como outra qualquer! Continuei dirigindo e pensei: *“à minha frente, a infinita highway”*. Foi uma coincidência interessante, pois nesse exato momento começava a tocar Engenheiros do Hawaii. Olhei para a lateral da estrada e lá estava aquele mormaço novamente. Era possível ver as estrelas dançando sob as ondas de calor. Naquele momento rezava para o ar condicionado do carro não quebrar novamente.

---

<sup>2</sup> Padrão de compressão de áudio.

<sup>3</sup> Música do gênero musical Brega interpretada pelo cantor Júlio Nascimento.

De repente me veio à memória as aulas de física do meu curso técnico de uns oito anos atrás. Comecei a lembrar das minhas viagens anteriores e alguma coisa me incomodava. O mormaço geralmente só é visível quando você olha para uma fonte de calor. Na estrada isso ocorre quando você olha para o asfalto quente. Mas na copa das árvores, o que estaria acontecendo? Poderia ser um incêndio, mas onde estavam a fumaça e o clarão das chamas?

A visão à minha frente estava limpa. Olhei ao meu redor e aquelas ondas de calor estavam apenas em uma área à minha direita, sobre a copa das árvores. Para meu espanto, o mormaço parecia que estava se movimentando junto com o carro a poucos metros de distância da estrada.

Reduzi a velocidade e aquela imagem fantasmagórica, sem forma definida, continuava a se movimentar e a se distanciar do veículo como se nada estivesse ocorrido. Acelerei e me mantive um pouco atrás do mormaço.

Não sei como definir meus sentimentos naquele momento. Era um misto de curiosidade e medo. A apreensão era enorme. Era um olho na estrada e outro naquela imagem para não perder seu

paradeiro. Nas curvas da rodovia era possível perceber que o mormaço traçava uma linha reta, pois ele se afastava e se aproximava na mesma proporção em que se sucediam as curvas.

Num piscar de olhos não consegui mais visualizar aquela anomalia. Imediatamente parei o carro, desci e fiquei vasculhando o céu à sua procura. Depois de alguns minutos de olhar atento, tive a certeza que o mormaço, ou seja lá o que fosse aquilo, estava parado sobre a copa das árvores, um pouco à frente da posição em que eu me encontrava.

Neste momento, não me restou qualquer dúvida, que eu presenciava a ocorrência de um fenômeno que não correspondia a qualquer lei natural conhecida. Várias ideias passavam pela minha cabeça, mas eu não conseguia determinar o que estaria produzindo aquela situação misteriosa. Olhei nos dois sentidos da estrada esperando que viesse algum veículo, alguém que pudesse me ajudar a compreender o que estaria acontecendo. Ao longe vi faróis, pareciam ser de um utilitário. Fiz sinal, mas o veículo não parou. A luz alta ofuscou a minha vista e o carro passou tão rápido que nem consegui identificar o modelo.

Procurei me acalmar. Esqueci a estrada e voltei toda a minha atenção para a copa das árvores. Não era possível determinar a forma nem as dimensões, mas tive a certeza, naquele momento, que se tratava de algo de grandes dimensões.

Pensei em voltar para o carro e deixar aquele local o mais rápido possível, mas alguma coisa me incomodava e não me deixava partir. Concluí que estava ocorrendo algo de muita importância que certamente iria mudar a minha vida para sempre.

### 3. O contato

Fiquei ali, parado, olhando e esperando por algo que eu nem imaginava o que poderia ser. Em um determinado momento, a anomalia ficou opaca e escura. Naquela noite clara, era como se alguém tivesse pendurado um quadro negro no céu. A mancha negra desceu lentamente e foi possível perceber que ela estava descendo por detrás das árvores. Quando a metade da mancha já se encontrava oculta, um clarão azul esverdeado iluminou a mata.

Nesse momento me dei conta que a mancha, na verdade, tratava-se de um objeto sólido, aparentemente preto. Ele continuou descendo até desaparecer totalmente em meio à mata quando o clarão cessou.

Fiquei mais algum tempo parado tentando entender o que tinha acontecido. Pensei em ir embora, mas a curiosidade falou mais alto. Entrei no carro, liguei o farol e percebi uma área descampada fora do acostamento, um pouco mais à frente. Parei o carro naquele local, abri o porta-luvas e peguei uma lanterna de LED<sup>4</sup>, igual àsquelas

---

<sup>4</sup> Iluminação a base de *Light Emitting Diode* (Diodo Emissor de Luz).

utilizadas pela polícia. Desci do veículo, tranquei as portas e segui caminhando na direção do local onde o objeto supostamente havia descido.

Depois de algum tempo sentindo, nos braços, os arranhões produzidos por espinhos, galhos resvalando no rosto e tocos de madeira a me ferir a canela, cheguei à borda de uma clareira onde percebi que o objeto havia aterrissado.

À minha frente era possível perceber aquela luz azul esverdeada, que embora visível, era bem fraca. Apaguei a lanterna, caminhei mais um pouco e me deparei com o objeto a alguns metros de distância. Era uma espécie de nave. Apresentava uma estrutura metálica brilhante. Sua cor lembrava alumínio polido, só que numa tonalidade bem mais escura.

O aparelho era sustentado por estruturas com articulações que lembravam trens de pouso, mas sem as rodas. A luz azul esverdeada emanava da sua parte inferior e de uma fina faixa na altura do centro. Aparentemente era redonda e lembrava pratos sobrepostos com uma pequena cúpula na parte de cima. Comparando suas dimensões eu

diria que ela tinha o mesmo tamanho de um desses ônibus interestaduais de dois andares.

Na parte inferior existia uma porta aberta da qual saía uma escada sem corrimão que descia até o chão. Parecia ser feita de uma única peça de metal, do mesmo material da nave. Não era possível identificar nenhuma janela ou escotilha. Não possuía inscrições ou qualquer tipo de desenho que pudessem fornecer alguma pista a respeito da sua origem. Também não consegui identificar, em sua estrutura, a existência de algum tipo de dispositivo propulsor que justificasse sua capacidade de voar. E apesar de aparentemente estar ligada, não emitia nenhum som audível.

Inicialmente pensei que aquele aparelho era algum tipo de equipamento destinado a fins militares. Diversas vezes tentei resistir a curiosidade. Tudo indicava que aquela poderia ser uma situação muito perigosa, mas algo dentro de mim dizia para continuar.

De dentro da nave vinha uma luz branca azulada bem fraca. Não era possível identificar sua fonte. Comecei a caminhar em direção àquela luz como se estivesse hipnotizado por ela. O ar em volta da nave tinha um aspecto incomum. Ela parecia estar envolta

por uma fina e transparente névoa. Enquanto caminhava em direção ao objeto, sentia todos os pelos do meu corpo oscilarem como se o ambiente estivesse magnetizado.

Ao me aproximar mais um pouco da nave percebi, devido a sua conformação, que certamente não era de origem terrestre. Não possuía nenhuma característica aerodinâmica que indicasse que pudesse sair do chão. E acima de tudo tinha a capacidade de se tornar praticamente invisível.

## 4. O pedido de ajuda

Não sabia bem o que iria fazer quando de repente olhei para baixo e vi, a alguns metros de mim, uma pessoa deitada ao chão. Estava próximo à escada da nave, apoiada em um tronco apodrecido. Imaginei que estivesse com alguma dificuldade e necessitava de alguém que pudesse lhe fornecer ajuda.

Continuei caminhando em direção a ela, quando então a pessoa levantou a cabeça e olhou em minha direção. Instintivamente eu parei. Estava congelado com a visão. Vi que não se tratava de uma pessoa. Era algo muito semelhante a um ser humano, mas nitidamente não era um membro da raça humana.

O Ser era de baixa estatura, magro, de cabeça grande, desproporcional ao corpo, para os padrões humanos normais. Tinha olhos escuros e grandes. Boca e nariz pequenos. Mãos com apenas quatro dedos.

Trajava uma roupa cinza claro, bem justa ao corpo. Num dos braços existia, como se fizesse parte da vestimenta, um dispositivo

retangular com tela escura, que lembrava, à primeira vista, as telas de LCD<sup>5</sup>, na qual apareciam símbolos vermelhos se alternando.

Na altura do pescoço saiam tubos da roupa, dos dois lados, que se ajustavam ao contorno do rosto e terminavam um pouco abaixo do que parecia ser o nariz daquela criatura.

Ficamos parados, um olhando nos olhos do outro. O Ser, então, colocou a mão sobre o dispositivo como se fosse comandar alguma coisa. Permaneci parado, abri lentamente as mãos, mostrei as palmas e disse a ele que só queria ajudar. O Ser continuou parado, me olhando e com uma das mãos sobre o dispositivo que continuava alternando símbolos vermelhos.

Falei para ele que se não precisasse de ajuda, bastaria sinalizar de alguma forma que eu iria embora sem causar qualquer tipo de problema. Ele retirou a mão do dispositivo e apoiou melhor o corpo sobre o tronco de madeira demonstrando sinais de forte cansaço, mas não falou nada. Virei-me lentamente e comecei a caminhar de volta para a mata. Começava a achar que não era uma boa ideia ficar ali e deveria voltar para a estrada o mais rápido possível.

---

<sup>5</sup> Tela a base de *Liquid Crystal Display* (Display de Cristal Líquido).

Mesmo estando de costas para aquele Ser, pude ouvir claramente: “– *Não vá, eu preciso da sua ajuda*”. Um calafrio mortal perpassou todo o meu corpo.

Sabe quando você escuta algum som? Geralmente se tem a noção de onde ele vem! Mas aquelas palavras, eu tinha certeza, não provinham de lugar algum. Elas simplesmente surgiram dentro da minha cabeça. Sabe aquela situação em que você pensa alto? Foi uma sensação estranha como se existisse alguém falando dentro da minha cabeça.

Fiquei parado, congelado, sem saber o que fazer. Deu vontade de correr, mas minhas pernas não respondiam. Novamente escutei: “– *Por favor, volte. Eu preciso da sua ajuda. Eu não irei lhe fazer nenhum mal*”.

Parei, respirei fundo e me virei lentamente. O Ser continuava deitado no chão. Tomei coragem e comecei a caminhar em sua direção. Ele me olhou nos olhos e mesmo sem nenhum movimento de sua boca as palavras começaram a surgir dentro da minha cabeça.

Disse que sua nave havia apresentado uma pane que comprometeu o sistema interno de sustentação de vida e que por esse motivo teve que fazer uma aterrissagem de emergência naquele local.

Comentou também que necessitava da minha ajuda para reparar a nave e voltar ao espaço, pois não estaria em condições de corrigir o problema sozinho por estar seriamente debilitado.

Parecia que as coisas estavam ocorrendo em câmera lenta. Eu me via dentro de um filme de ficção, porém, sem ter a mínima ideia do enredo e se teria um final feliz ou não. Essa situação estava me deixando muito confuso.

O som parou, as palavras desapareceram, levei algum tempo para digerir a mensagem. Então, olhando para aquela criatura deitada à minha frente respondi: “– *Tá bom! Eu posso te ajudar, mas antes eu quero saber como é possível te escutar mesmo sem você mexer qualquer músculo?*”. Completei dizendo que só o ajudaria se soubesse quem ele era, de onde vinha e o que estava fazendo ali. Ele me respondeu afirmando que não tínhamos muito tempo, pois a nave estava programada, por questões de segurança, para se autodestruir

numa pequena explosão nuclear caso ele morresse, porém dispôs-se a satisfazer a minha curiosidade.

Ele me contou que vinha de um planeta muito distante, da mesma classe do nosso, o qual estaria localizado numa região do espaço que nós humanos conhecíamos como Constelação de Órion. Sua presença seria ofuscada pelo brilho de um sistema binário de estrelas não sendo detectável da Terra. Pelo menos com a atual tecnologia terrestre.

Sua tarefa era observar e enviar, para o seu planeta de origem, informações periódicas sobre os acontecimentos sociais, avanços tecnológicos e condições gerais da Terra.

Ele seria responsável, mais precisamente, pela região do planeta conhecida como América do Sul. Disse que sua língua natal era incompreensível para a nossa raça e que eu poderia lhe chamar de Barladell, pois esse seria o som mais próximo do seu nome no meu idioma.

Olhei fixamente para o céu, tentando compreender toda aquela situação e balancei a cabeça como se dissesse que estava entendendo. Eu não sabia nem onde estava o Cruzeiro do Sul.

## 5. A comunicação mental

Depois de ouvir suas explicações perguntei: “– *Mas se sua língua é incompreensível como estamos conseguindo nos comunicar?*”. Ele respondeu: “– *Nossos cérebros são muito parecidos, ambos funcionam através de impulsos elétricos e possuem a capacidade de emitir e receber informações através de ondas especiais ...*”. E colocando a mão sobre o aparelho em seu braço concluiu: “... *este dispositivo armazena mais de dois mil idiomas falados na Terra. Eu penso, ele traduz e emite ondas que podem ser captadas pelo seu cérebro. Da mesma forma, quando você fala, ele identifica o idioma, traduz e transforma em ondas que são captadas por mim*”.

Conforme Barladell, esse tipo de comunicação permitiria um entendimento mais amplo de todas as coisas no universo, pois através da comunicação mental a barreira das palavras seria totalmente eliminada. Seria possível a transmissão não somente de palavras, mas de ideias e sentimentos completos de uma forma que a raça humana ainda não compreendia.

Disse que, se perguntasse, eu não saberia explicar o que exatamente estaria sentindo naquele exato momento, mas se eu tivesse a habilidade da comunicação mental eu simplesmente lhe transmitiria minhas percepções sobre tudo aquilo e o entendimento entre ambos seria mútuo e completo.

## 6. Planetas irmãos

Continuou explicando que seu planeta de origem possuía tempo de rotação, nível de gravidade, temperatura média, conformação de superfície e outros fatores muito parecidos com os apresentados na Terra. A principal diferença era a atmosfera que possuía alguns elementos em proporções diferentes. Se alguém de nossa raça fosse ao seu planeta ele sofreria de dor de cabeça, náusea, tontura, dificuldade respiratória e fraqueza. O desconforto físico iria piorar gradativamente até levá-lo à morte. Os mesmos problemas aconteceriam com Barladell na atmosfera da Terra.

Perguntei então como ele sobrevivia no nosso planeta. O Ser me disse que a sobrevivência era o motivo da sua aterrisagem. A nave possuía um sistema que captava a atmosfera do nosso planeta e a reestruturava, elemento por elemento, conforme a atmosfera do seu planeta. O sistema armazenava a nova atmosfera em recipientes de grande pressão, ao ponto da atmosfera modificada se liquefazer. Por algum motivo, que ele desconhecia, o sistema havia parado de funcionar.

Quando percebeu a pane ele já estava sentindo os efeitos da atmosfera terrestre e mal teve tempo para procurar um local apropriado a fim de poder realizar o pouso da nave com segurança. Assim que aterrissou, tentou verificar o que poderia ter ocorrido, desceu da nave, mas acabou sucumbindo de fraqueza. Foi nesse instante que eu apareci.

Ele estaria sobrevivendo graças a um sistema de emergência que injetava uma determinada composição gasosa diretamente em suas narinas que amenizavam os efeitos da atmosfera da Terra e permitia que ele sobrevivesse por mais algum tempo.

Nesse momento lembrei que ele havia falado que a nave estava programada para se autodestruir caso ele morresse e perguntei: “— *Então se esse sistema falhar a nave explode e eu vou junto também, é isso mesmo?*”. Ele respondeu que sim e que eu deveria lhe ajudar a corrigir o sistema para que pudesse voltar ao espaço e continuar o seu trabalho.

## **7. A comunicação mental plena**

Disse a ele que não tinha como ajudar. Eu mal conhecia a tecnologia terrestre, como poderia ajudar no caso de tecnologias de outros mundos? De repente comecei a ver vultos à minha frente. Parecia uma pessoa conhecida à frente de algumas árvores. Barladell me disse para ficar calmo. A imagem ficou mais definida e percebi que eu estava vendo a minha própria imagem.

Era uma visão estranha como se existisse uma película na frente dos meus olhos. Como se eu estivesse deitado ao chão me vendo de longe. Levei a mão ao queixo e a imagem repetiu o mesmo gesto. Comecei a girar a cabeça lentamente para ver o que existia atrás de mim. Olhei e reconheci a minha imagem, tendo, às minhas costas, as árvores. Aí me dei conta que esta era a perspectiva de observação de Barladell.

Aquela estranha imagem em minha mente, num instante, desapareceu. Voltei a olhar para frente e me aproximei. Barladell acrescentou que da mesma forma que os sons eram transmitidos, ele também poderia transmitir imagens para o meu cérebro. Na verdade

ele poderia agir em qualquer um dos meus sentidos. Ele poderia tanto enviar como receber informações, ou seja, ele poderia ver o que eu via e escutar o que eu escutava. Assim ele me guiaria e orientaria em todas as etapas do reparo dos equipamentos da sua nave.

Perguntei se isso não seria uma forma de controle mental. Ele afirmou que não. Seria apenas uma forma mais avançada de comunicação a qual a nossa raça aprenderia a utilizar algum dia. E quando isso ocorresse, os habitantes do nosso planeta entenderiam o quanto são limitadas as palavras. Por isso sua linguagem seria incompreensível para a nossa raça. Porque eles se comunicavam com toda a plenitude dos sentidos, expressando ideias e sentimentos simultaneamente.

Disse que essa forma de comunicação já estava presente entre nós, mas de forma muito primitiva. Ela se manifestaria principalmente entre mãe e filho naquelas situações em que a mãe sente o que estaria acontecendo com o filho, mesmo este estando longe. Ou entre irmãos gêmeos, naqueles casos em que mesmo separados, eles continuavam em sintonia e conseguiam sentir um ao outro.

## 8. Respirando outros ares

Barladell me pediu que eu entrasse na nave e me movimentasse rápido para alcançar o comando principal, pois a nave estaria com a atmosfera interna alterada o que fatalmente iria dificultar a minha tarefa. Caminhei até a nave e comecei a subir as escadas. Assim que coloquei o pé dentro da nave senti uma sensação estranha, parecia que ele estava mais pesado. “– *Continue em frente, não pare*”, disse Barladell.

Entrei totalmente na nave. Senti dificuldades de respirar, o corpo estava pesado, a vista embaçou. “– *Siga para o elevador à sua frente*”.

Comecei a caminhar, mas o esforço era enorme. Cheguei a uma porta e ela se abriu automaticamente, deslizando para o lado. Entrei e a porta fechou. Era um cubículo pequeno sem nenhum comando visível. De repente a porta abre-se novamente. Eu estava na cúpula superior da nave que parecia ser de vidro. “– *Vá para o painel de comando*”.

Caminhei até o centro da cúpula. Até uma espécie de poltrona de comando com telas à frente num arco de 180 graus. Comecei a visualizar uma sequência de símbolos que pareciam flutuar no ar. “– *Procure no lado esquerdo do painel os símbolos que estou lhe enviando e toque-os na mesma sequência*”.

Naquele momento já estava me sentindo completamente fraco e achava que iria desmaiar, mas consegui fazer o que ele me havia solicitado. A nave começou a vibrar, senti uma brisa suave passando por mim. Então meu corpo ficou leve novamente. Minha visão voltou ao normal. Não sentia mais dificuldades para respirar. “– *Você experimentou a atmosfera do meu planeta. Ela já foi totalmente eliminada da nave agora. Sente-se e descanse um pouco*”.

Sentei na poltrona de comando e comecei a admirar o local. Era uma sala em forma de cúpula, totalmente transparente. Eu tinha uma visão de 360 graus do local onde a nave havia pousado. Lembrei que do lado de fora não era possível visualizar o interior da nave.

## 9. O sistema solar

O painel era formado por uma tela única de 180 graus que exibia diversos símbolos e imagens que pareciam gráficos. Do lado direito havia uma imagem da Terra, em movimento, com várias linhas coloridas que lembravam um mapa. A imagem era extremamente bem definida a tal ponto de dar a impressão que a Terra flutuava dentro da tela num efeito 3D que eu nunca havia visto antes.

Ao surgir a imagem do Brasil, foi possível ver um ponto diferenciado piscando exatamente na mesma região em que estávamos. Acho que era a nossa posição. Coloquei a mão sobre o globo e a imagem foi se distanciando lentamente. Apareceu a Lua, o planeta vermelho, o Sol, a faixa de asteroides, um planeta grande com anéis contínuos (acho que era Saturno) e um menor com anéis segmentados.

Contei seis grandes corpos antes da faixa de asteroides, seis depois e vários pontos minúsculos espalhados pelo mapa com legendas incompreensíveis. Assim como na imagem da Terra,

apareciam linhas coloridas interligando planetas e regiões do espaço. As imagens eram incrivelmente nítidas e pareciam estar sendo captadas ao vivo.

O Sol aparecia numa tonalidade amarelada bem fraca, mas era possível visualizar suas labaredas, explosões e arcos magnéticos. Quando mais a imagem se afastava, mais era possível ver outros planetas, constelações completas e várias linhas interligando pontos e planetas distantes.

Naquele momento fiquei deslumbrado com o espetáculo propiciado por aquela tecnologia alienígena. Assim que tirei a mão do painel, a imagem voltou para a posição anterior. Aquilo parecia um *Tablet* gigante. Mas voltei a mim quando a voz de Barladell soou forte na minha cabeça: “– *Chega de diversão, volte sem demora, para a entrada da nave*”.

## 10. O mecânico espacial

Retornei para o primeiro andar da nave. Um símbolo apareceu na minha frente como se estivesse flutuando no ar. Procurei ao redor e o localizei em uma estrutura metálica que parecia ser uma pequena porta. Foi só me aproximar que ela se abriu sozinha, deslizando para o lado. Correu uma brisa suave. No interior havia uma tela fluorescente que emitia uma luz azulada, parecida com luz negra.

Barladell me orientou a não tocar na tela em hipótese alguma ou eu poderia sofrer sérios ferimentos. Disse que este era o dispositivo que captava e decompunha a atmosfera da Terra. Do lado direito, na parte interna do compartimento havia uma tela negra. Ele me orientou a tocá-la e a pressionar alguns símbolos em sequência. O sistema mostrou diversos símbolos aleatoriamente até parar. Ele solicitou que eu olhasse para a tela para que pudesse identificar o problema.

*“– Como eu imaginava. O sistema não está conseguindo monitorar o ambiente da nave nem as condições do módulo de correção de atmosfera. A nave já havia apresentado esse problema*

*anteriormente. O elemento de decomposição deve estar saturado então temos que retirá-lo para uma limpeza”.*

Toquei mais algumas sequências na tela e a estrutura fluorescente inclinou-se para fora do compartimento. Na parte superior existiam alças pretas. Eu a puxei para fora e foi possível olhar o interior do compartimento. Uma parte da parede interna era transparente. Assim como a cúpula de comando. Era possível ver Barladell deitado no chão, fora da nave. Uma brisa suave entrava na nave como se a parede não existisse.

Parei por alguns instantes e fiquei observando o interior da nave. Não era uma tecnologia tão distinta da nossa. Na verdade eu só conseguia ver o corredor que parecia rodear a estrutura central do objeto. Ele era ladeado, até meia altura, por estruturas tubulares de vários diâmetros e cabos que brilhavam em várias cores como se existisse luz passando em seus interiores da mesma forma que ocorre com a fibra ótica.

O piso possuía ressaltos antiderrapantes e era nitidamente encaixado sobre uma primeira estrutura. O teto era liso e tinha no máximo dois metros, pois era possível tocá-lo. Uma linha pontilhada

de luz seguia ao longo do teto como se fosse parte integrante do mesmo não sendo possível notar qualquer encaixe.

Acima dos tubos e cabos existiam painéis pequenos idênticos aos da cabine de comando. Uns com símbolos piscando e outros totalmente apagados. Com exceção da porta de acesso ao elevador, que levava ao comando principal, não consegui identificar mais nenhuma passagem para outras áreas da nave.

O que também me causou grande surpresa foi o fato de eu não ter conseguido identificar, pelo menos visualmente, a existência de elementos de fixação. Não consegui perceber porcas, parafusos, rebites, soldas ou quaisquer outros artifícios que justificasse a coesão das estruturas.

Conforme as orientações recebidas, levei a peça para fora e depusitei-a no chão. Olhei para a nave e não conseguia ver a abertura por onde entrava o ar. Barladell me disse que deveríamos esperar até a tela perder o campo eletro-iônico. Só poderíamos efetuar a limpeza quando a fluorescência cessasse totalmente.

Voltei a olhar novamente para a nave a procura da abertura de ventilação. Acho que imaginando o que eu estava pensado completou: “– *É uma liga especial. É um elemento metálico com estrutura molecular parecida com a do vidro. De um lado ele é transparente e do outro, é opaco. Dependendo do campo magnético que atue sobre ele, pode tornar-se permeável também*”.

## 11. A viagem no tempo

Barladell, com muito esforço, se levantou um pouco e ficou sentado, encostado no tronco de madeira. Eu me sentei ao seu lado e indaguei se poderia lhe fazer algumas perguntas enquanto esperávamos. Ele disse que sim. Perguntei se ele não se incomodaria com o questionamento e ele respondeu: “– *Não! Afinal quem vai acreditar em você, não é mesmo?*”.

Minha cabeça fervilhava com dezenas de perguntas, mas eu não conseguia me fixar em nenhuma. Não sei o porquê, mas comecei a lembrar dos filmes De Volta Para o Futuro e O Exterminador do Futuro e perguntei: “– *É possível viajar no tempo? O seu povo viaja no tempo?*” e ele respondeu que sim e não.

Continuou dizendo que sim, era possível, mas não da forma como eu imaginava, não da forma como mostravam nos nossos filmes. O tempo seria um componente cósmico relativo formado pelo passado, presente e futuro.

Ele afirmou que o passado seria uma linha imutável que ficava registrada no tecido cósmico. Não poderia ser alterado, mas poderia ser acessado e visualizado como se fosse um filme gravado. Ao se voltar ao passado não seria possível saber tudo o que ocorreu naquele tempo, pois o retorno estaria condicionado também ao espaço. Você só conseguiria visualizar aquele espaço-tempo específico.

A volta no tempo requereria muita energia. Com toda a energia produzida na Terra, Barladell afirmou que só conseguiríamos voltar alguns milhares de anos no passado. Disse também que mesmo voltando no espaço-tempo o presente continuaria andando. Então para visualizar dez anos no passado perderíamos dez anos do presente.

O retorno também deveria ser cuidadosamente calculado, pois se estaria retornando no tecido cósmico e não na história de um determinado planeta ou de um determinado local. Se voltássemos um dia no passado não iríamos visualizar a posição presente em que estávamos na Terra, mas na posição que estávamos no tecido cósmico, ou seja, nós visualizaríamos o espaço, outro planeta, ou até mesmo o interior de algum corpo celeste qualquer.

A movimentação no espaço pertencente ao passado era possível, mas requeria mais energia ainda. As civilizações que possuíam capacidade energética para retornar ao passado, não enviavam seres, mas sondas com sistemas de gravação que seriam recuperadas no futuro.

Seria possível, também, retornar ao passado através da conexão à frequência dos seres que existiram em épocas passadas. Cada ser vibra em uma determinada frequência e sua existência também ficaria gravada no tecido cósmico por um longo período. Essa forma de retorno também seria limitada pelo espaço-tempo, pois só seria possível voltar ao espaço-tempo ocupado pelo ser em questão.

Essa forma de retorno não requeria muita energia, mas só ocorre quando o ser do presente possui frequência muito próxima ao do ser do passado. Os seres que conseguem essa conexão, mesmo que involuntária, são conhecidos na Terra como reencarnados.

O futuro seria um emaranhado de linhas de possibilidades. Ele estaria aberto, à frente do passado, como um leque de realidades possíveis. Quanto maior o ângulo de abertura, menor a possibilidade de concretização. As linhas de possibilidades se quebrariam, se

ramificariam, surgiriam e desapareceriam pelas decisões e interações entre os seres.

Quando um ser toma uma decisão, ele cria milhares de linhas de possibilidades no seu futuro. Essas linhas se cruzariam com as linhas de outros seres e formariam uma teia cósmica de possibilidades futuras. As linhas de possibilidades não teriam comprimento infinito. O final de uma linha, naquela realidade, determinaria a final da existência do ser.

A teia cósmica de possibilidades futuras seria altamente mutável e mudaria a cada instante, mas uma tendência central sempre estaria presente e poderia ser visualizada. A teia não seria infinita, pois só existiriam as possibilidades possíveis através de alguma decisão ou interação. Barladell afirmou que no momento em que eu tomei a decisão de entrar na mata para verificar o que tinha ocorrido milhares de possibilidades surgiram e milhares deixaram de existir. Afirmou ainda que essa teia de possibilidades futuras é definida pelos nossos cientistas como universos paralelos.

Diversos meios de se visualizar as linhas de possibilidades futuras poderiam ser utilizados. Conforme Barladell, na nossa raça,

existiriam diversos indivíduos capazes de visualizar mentalmente as linhas de possibilidades de outros semelhantes, mas com deficiência, pois ainda não havíamos desenvolvido a capacidade de determinar qual a possibilidade de concretização de linha e qual as decisões ou interações que precisavam ocorrer para que aquela realidade se concretizasse.

No seu futuro, disse ele, existe uma realidade em que você escreve um livro sobre o nosso encontro, mas para que isso ocorra, é necessário que você tome certas decisões. E são esses pontos, essas decisões que os seus videntes não conseguem perceber.

Já o presente seria o ponto retificador. O funil que transforma a teia cósmica de possibilidades futuras em uma linha imutável, que é o passado, e a registra no tecido cósmico. O presente são as decisões e interações entre os seres. “– *Entendeu?*”. Concluiu Barladell.

Ele parou de falar por alguns instantes, como se estivesse recuperando o fôlego e continuou: “– *O futuro reserva diversas possibilidades e saber quais são não garante que se possa escolher a melhor delas. Somente o bom conhecimento pode determinar o caminho mais rápido e seguro para o futuro. A ganância, o ódio, a*

*inveja, a ignorância desviam os seres de um futuro sublime e os condenam a uma existência medíocre. Mesmo sabendo que vivem em um planeta com recursos finitos os que se designam líderes da Terra ainda relutam em admitir o futuro negro que os esperam caso o rumo da vossa história não seja drasticamente alterado“.*

## 12. A viagem espacial

Olhei para a tela no chão. Ela ainda brilhava, apesar de estar com uma intensidade menor. Olhei novamente para o céu e perguntei: “– *Você me disse que veio da Constelação de Órion, eu não faço ideia da distância, só sei que é muito longe. Como vocês conseguem chegar até a Terra?*”.

“– *Gravidade e magnetismo são manifestações de uma única força cósmica que seus cientistas dividiram em duas. Não tenho como nominá-la, pois nos seus mais variados idiomas não existe nenhuma palavra ou expressão que possa designá-la*”, respondeu Barladell. A viagem espacial seria possível através da manipulação dessa força cósmica. Variações em sua intensidade e frequência poderiam impulsionar objetos a grandes distâncias, em altas velocidades. Direcionando seu fluxo seria possível também curvar o contínuo espaço-tempo. Existiriam duas formas de viagem cósmica: uma baseada no deslocamento a velocidades próximas à da luz e outra baseada no salto sobre dobra espacial.

Na primeira forma de viagem cósmica, a nave seria envolta por um envelope energético que a deixaria imune a influência de forças externas. Dentro desse envelope, a nave não sentiria os efeitos da gravidade da Terra, por exemplo. Existiriam dois sistemas na nave: uma que criaria o envelope energético e um segundo que criaria uma gravidade artificial dentro do envelope. Esse último foi um dos que Barladell me fez desligar quando entrei na nave.

O deslocamento da nave se daria através da interação entre o envelope energético e a força cósmica de outros corpos celestes. Essa forma de viagem seria utilizada apenas para pequenas distâncias, alguns anos luz nos padrões da Terra.

A segunda forma de viagem cósmica seria o salto sobre dobra espacial. Barladell afirmou que se a força fosse concentrada em uma direção, como um laser que concentra a luz, ela poderia curvar temporariamente o contínuo espaço-tempo a sua frente. Dessa forma seria possível saltar de uma borda a outra da dobra criada, utilizando-se da técnica do envelope energético. Essa técnica seria utilizada para vencer grandes distâncias, milhares de anos luz nos padrões da Terra.

A viagem baseada no salto sobre dobra espacial seria muito perigosa, pois a nave deveria saltar no momento exato, nos poucos segundos de estabilidade da dobra, ou seria desintegrada no processo de planificação do contínuo espaço-tempo.

O vórtice energético criado pela passagem da nave também poderia causar anomalias cósmicas, como buracos negros temporários ou desestabilização energética de corpos celestes o que poderia levá-los ao colapso instantâneo. Então o salto sobre dobra só seria efetuado em posições cósmicas de vácuo total. A viagem de uma região cósmica para outra seria efetuado utilizando-se das duas técnicas.

Para vir do seu planeta até a Terra, ele viajaria para uma área segura na vizinhança da Constelação de Órion, utilizando a técnica do envelope energético, após isso saltaria para uma área segura perto do nosso sistema solar e viajaria para a Terra utilizando novamente o envelope. Perguntei a ele quando tempo levaria e ele respondeu: “— *Pelos padrões de tempo da Terra, alguns meses de viagem!*”.

Indaguei a ele o que queria dizer quando falava no “tempo” pelos padrões da Terra. Respondeu afirmando que o tempo era

apenas uma questão de percepção. Essa percepção se expandiria ou se contrairia de acordo com cada região cósmica. Devido a essa relatividade, os seres mais evoluídos não o mediam com base em movimentos astrais, mas com base no movimento do próprio tecido cósmico formado pelo contínuo espaço-tempo.

## 13. O homem do passado

Concluiu a questão da viagem espacial dizendo que existiam outras formas de se viajar pelo espaço, mas que essa seria a mais utilizada pelos seres do universo. Continuou afirmando que a manipulação da força era relativamente simples e assim que a redescobrissemos, as coisas iriam mudar drasticamente na Terra. “— *Redescobrissemos? Como assim?*”, indaguei a ele.

*“A sua raça é mais antiga do que contam os seus livros. Seu planeta já passou por diversos cataclismos e os sobreviventes foram perdendo conhecimento durante a trajetória. As evidências estão todas aí, mas vocês relutam em acreditar. Vários conhecimentos perdidos foram reaprendidos ou redescobertos, mas ainda falta muito a recuperar”.* Barladell continuou afirmando que somos descendentes de uma raça que surgiu muito além da Constelação de Órion, em uma região do espaço que ainda não conseguimos mapear.

Nossos ancestrais chegaram a Terra há milhares de anos à procura de um novo lar para se instalar. O objetivo era compartilhar o planeta com os habitantes originais, que eram geneticamente

compatíveis, ajudando-os a se desenvolver. Mas a simbiose, por motivos desconhecidos, não deu certo. Os humanos originais foram subjugados, absorvidos e extintos. Por esse motivo, os cientistas da Terra não conseguiam identificar o famoso “elo perdido” que ligasse o antigo habitante da Terra, o humano original, ao habitante atual, o descendente das estrelas.

Com o tempo seus antepassados descobriram que a Terra passava por um evento cósmico cíclico que levava a inversão do seu magnetismo e consequentemente provocava alterações gravitacionais e inversão de sua rotação o que gerava episódios cataclísmicos na superfície do planeta. Os que tiveram oportunidade há muito tempo haviam abandonado a Terra. Os que ficaram foram perdendo recursos e conhecimento, após cada evento.

Perguntei a Barladell por que eles nunca voltaram para nos resgatar. Ele afirmou que eles foram impedidos pelo Conselho Intergaláctico.

Disse que há centenas de ciclos cósmicos, milhares de anos terrestres, uma determinada raça, ainda primitiva, teve acesso a tecnologias avançadas e ganhou o espaço. Esse povo não possuía

consciência cósmica e o inevitável aconteceu. Uma guerra intergaláctica tomou conta de diversos planetas. Bilhões de seres pereceram. Batalhas ocorreram até nos céus da Terra, onde dispositivos atômicos haviam sido deflagrados. Então seres de várias outras raças, dos mais longínquos locais do universo, uniram-se para combater e eliminar a ameaça. Foi quando o Conselho nasceu.

Após a paz voltar ao universo, o Conselho instituiu diversas leis para garantir a harmonia entre os povos. Uma dessas leis determinava, como proibido, o contato oficial ou a transferência de tecnologia a raças primitivas que não possuísem consciência cósmica. Seria permitido o acompanhamento, o estudo até o contato eventual, mas nada, além disso, até que um grau desenvolvimento compatível com as ideias universais de fraternidade fosse atingido por esforços próprios.

Como os remanescentes na Terra estavam se desenvolvendo de forma totalmente independente, inclusive sem ter vínculos com seu planeta de origem, o contato posterior direto foi proibido, pois o conhecimento tecnológico e a consciência cósmica já haviam se perdido há tempos. Mas isso não deixou a Terra totalmente isolada, pois ela continuou a ser visitada por várias raças que influenciaram,

mesmo que indiretamente, o seu desenvolvimento tecnológico e social.

Essa situação causou um retrocesso na evolução cósmica da Terra e Barladell alertou que deveríamos retornar novamente ao caminho do conhecimento o mais breve possível.

## 14. A missão

A essa altura minha cabeça pesava com tanta informação. Num momento eu era alguém, num outro apenas um órfão estelar. O silêncio reinou. Fixei meu olhar na tela ao chão e ela ainda emitia um brilho fraco, quase apagado. Comecei a relembrar tudo o que Barladell havia me falado até aquele momento. Fechava os olhos lentamente esperando acordar quando os abrisse, mas ao abrir, lá estava tudo, no mesmo lugar: a nave, a tela e aquele ser ali no chão.

Perguntei a ele qual a verdadeira razão de estar no nosso planeta e aquela voz voltou a ecoar na minha cabeça. “— *Estou aqui para observar e proteger. Mesmo com todo o conhecimento acumulado pelas raças do universo, o mecanismo de evolução dos seres ainda não é totalmente compreendido. Existem raças que nascem e se extinguem sem nem mesmo cogitar que possa existir outras inteligências. Já acompanhei o desenvolvimento de povos que se lançaram em direção ao espaço e se autodestruíram por buscar, no universo, o poder e não o conhecimento*”.

A missão de Barladell, assim como seres de outras raças que nos visitavam, ou até mesmo, moravam no nosso planeta, era acompanhar o desenvolvimento da humanidade aprendendo com nossas experiências sem jamais interferir diretamente na nossa evolução. Contatos diretos só seriam permitidos e aceitos em situações muito especiais, como a que estava ocorrendo naquele momento.

Contou também que diversas raças, com características físicas semelhantes a nossa, viviam entre nós como forma de expiação de erros cometidos visando, como objetivo final, a expansão da consciência cósmica pessoal.

Ele teria também a função de proteger o planeta contra raças hostis e acompanhar a atividade de outros seres em nosso planeta. Tudo o que fosse observado deveria ser reportado para ao seu planeta natal que repassaria as informações ao Conselho Intergaláctico.

Perguntei a Barladell por que a América do Sul, por que essa parte específica do planeta? Respondeu dizendo que era apenas uma questão funcional. A Terra possuía uma diversidade muito grande de

culturas, por isso, ela então havia sido dividida em oito zonas que eram acompanhadas periodicamente por um responsável específico.

Conforme ele, cada responsável não permaneceria o tempo todo no planeta. Cada um chegava, inspecionava, enviava as informações e retornava para seu planeta natal. Geralmente esses ciclos de visitas se repetiam a cada seis meses terrestres.

O conhecimento do passado sempre foi questão fundamental para um bom planejamento do futuro, afirmou Barladell. Apesar da avançada condição social e tecnológica de diversas civilizações e mesmo com a capacidade de visualização do passado ainda existia questionamentos universais não plenamente respondidos. Da mesma forma que muitos, na Terra, se questionavam: quem são, de onde vieram e para onde vão.

Acompanhar e estudar o desenvolvimento de raças análogas em estágios evolucionários inferiores seria uma forma de entender os intricados mecanismos da evolução cósmica. Como as sociedades nascem e se desenvolvem? Como surgem as crenças, os conceitos do bem e do mal, a ideia do etéreo? O que leva algumas raças a saltar

estágios evolutivos significativos enquanto outras estagnam por longos períodos? Com nascem as guerras, a consciência cósmica?

A busca por novas tecnologias também era um dos objetivos das visitas. Conforme Barladell nenhuma forma de inteligência deveria ser menosprezada. Mesmo sendo tecnologicamente inferior sempre existiria algo que pudesse ser aplicado em outros lugares. Concluiu dizendo que eu poderia não acreditar, mas nós éramos uma das engrenagens da evolução cósmica, pois diversas raças espalhadas pelo universo utilizavam tecnologias originalmente desenvolvidas pelos habitantes da Terra.

## 15. Uma cultura superior

“— *Como é a vida no seu planeta? A ideia que eu tinha de um ser do outro mundo era de criaturas invencíveis, altamente sofisticadas, mas olhando para você agora, só vejo a imagem de uma criatura frágil*”, perguntei olhando profundamente naqueles grandes olhos escuros.

“— *Não somos invulneráveis nem imortais. Temos as mesmas necessidades básicas que você. Necessitamos de energia, de alimento, de um local seguro para viver, de companhia. Apenas utilizamos nossos recursos de uma forma mais consciente e eficaz. Nossa sociedade, assim como outras espalhadas pelo universo, vive em prol do conhecimento e não do crescimento. Nossa medicina evoluiu ao ponto de não nos preocuparmos mais com falhas internas em nossos corpos, mas ainda somos suscetíveis a agentes externos. Nossa tecnologia aprendeu a utilizar com segurança os benefícios das forças cósmicas o que nos permitiu acesso a fontes de energia praticamente infindáveis*”. Nesse momento senti que Barladell havia se empolgado e continuou a falar.

*“– Nossas cidades, em diferentes planetas, são estruturadas para a simplicidade, para a funcionalidade. As cidades da Terra são mais grandiosas que as nossas. Não fazemos uso indiscriminado de recursos nem incentivamos o consumo desenfreado. Toda a pesquisa tecnológica é desenvolvida visando o futuro, o bem comum. Em nossas cidades todos possuem direito a um espaço, ao acesso a tecnologia e são livres para escolher de que forma podem contribuir para a evolução da sociedade“.*

## 16. O futuro da Terra

Barladell afirmou que acompanhava o nosso planeta há muito tempo. Contou que no processo natural, as raças se desenvolvem e crescem até o limite da capacidade de regeneração planetária. Antes desse ponto crítico deveriam trabalhar na expansão do conhecimento cósmico, ganhar o espaço e se espalhar por outros mundos, para perpetuação de sua espécie.

No universo existiriam comunidades de uma mesma raça vivendo em diversos planetas. Em alguns casos, dividindo a morada com outras raças diferentes. A regeneração planetária seria a capacidade que todo o planeta, que suporta algum tipo de vida, teria de repor recursos vitais, no nosso caso: água, atmosfera, plantas, minerais e vida animal, nas mais variadas formas.

Essa capacidade seria limitada pelo número de habitantes vivendo no planeta. Se ultrapassado, o planeta começaria a perder rapidamente as condições de sustentação da vida até sucumbir totalmente. A raça com consciência cósmica teria a capacidade de identificar esse limite e concentrar esforços na busca do

estabelecimento de novos lares para garantir sua perpetuação e manter a sustentabilidade de seu planeta natal para aqueles que ali permanecessem.

Para Barladell, a Terra já estaria chegando ao limite da regeneração. Já estaríamos com dificuldades para obtenção de água potável, com poluição atmosférica excessiva, recursos minerais chegando ao fim, mares em processo de deterioração, grande quantidade de plantas e animais já extintos ou em risco de extinção. A condição especial de inversão magnética renovaria sua capacidade de regeneração, mas a Terra, desta vez, estaria correndo o risco de sucumbir antes da próxima inversão, pois o ritmo de consumo dos recursos naturais seria proporcionalmente muito maior do que em épocas precedentes.

Perguntei quando isso poderia acontecer, ele respondeu dizendo que a nossa raça não estava preparada para saber certas coisas, pois se fosse anunciado que a Terra sucumbiria daqui a trinta dias, ela sucumbiria em dez pela a arrogância de seus habitantes.

A nossa raça, apesar do grau de desenvolvimento civilizatório que julga ter atingido, tanto em função das conquistas de natureza

tecnológica ou de bem estar material, quanto em função do tempo dispendido para atingir um patamar acanhado de evolução, ainda assim, estaria refém do individualismo acerbado da maioria dos povos, os quais não perceberiam a importância do bem universal na vida de todos. Conforme Barladell, a nossa sociedade não se mantinha coesa pelo senso do bem comum ou pelo senso do justo, mas pelo medo das consequências dos atos amorais que viessem a cometer.

Nossas leis não seriam respeitadas por acharmos que elas são importantes para os seres envolvidos, mas pelo medo das sanções que poderiam ser impostas aos transgressores. Afirmou que no momento em que soubermos que não haverá mais tempo para que sanções sejam impostas ou que as consequências não possam mais ser medidas, a nossa sociedade se desintegraria rapidamente.

Afirmou que ainda éramos seres orientados pela guerra, pela conquista constante e desenfreada, pelo crescimento material a todo custo. Lembrou que quase todo o nosso conhecimento tecnológico havia nascido de algum conflito, da busca por alguma vantagem diante dos inimigos e não da busca do conhecimento como fonte de evolução natural.

Essa é uma postura que deveria ser repensada com urgência. A Terra deveria focar seus esforços na unificação global, no consumo sustentável, na difusão do conhecimento, na universalização da cultura, em fim, na valorização da vida acima de tudo. Deveria traçar novos objetivos, olhar fora da caixa, buscar um novo futuro. E o único futuro que a Terra dispõe para fugir do ciclo constante de destruição está nas estrelas. Na crença de pertencer a uma irmandade universal.

## 17. A poluição ambiental

A tela no chão já não brilhava mais. Barladell disse que eu já poderia tocá-la. Passei a mão sobre ela e mostrei-a para ele. Minha mão ficou suja, impregnada com um material negro parecido com fuligem. Ele confirmou minha suspeita dizendo que havia passado algum tempo observando a grande floresta. Não indaguei, mas com certeza falava da Amazônia. Disse que havia se aproximado muito das queimadas até chegou a pousar em alguns locais para coletar amostras. Afirmou que não lembrava que a nave estava com problemas e certamente foi nesse período que o sistema ficou comprometido.

Barladell disse que antes de pousar havia rastreado um pequeno rio mata à dentro. Eu deveria levar a tela até lá e lavá-la, até ter a certeza da eliminação total da fuligem. Antes que eu saísse, ele tocou nos símbolos do dispositivo que estava em seu braço e um pequeno módulo quadrado foi ejetado. Ele disse que a distância era muito grande e eu deveria manter aquele módulo junto ao corpo para que pudéssemos nos comunicar.

Olhei em sua direção, recebi e coloquei o pequeno objeto no bolso da camisa. Fechei o botão para que não caísse. Peguei minha lanterna e olhei fixamente para a direção indicada. Acho que deixei transparecer algum receio para entrar novamente naquela mata escura. Depois de alguns segundos parado, Barladell me tocou e disse que eu não deveria ficar com medo, pois os sensores da nave indicavam que não existia nenhuma ameaça na mata.

Comecei a caminhar novamente entre galhos, troncos caídos e espinhos. No silêncio ensurdecedor apenas as instruções de Barladell ecoavam na minha cabeça. Pensei comigo mesmo: “— *O que é a curiosidade? Agora a pouco, quando entrei na mata para saber o que estava acontecendo eu não estava com tanto medo assim!*”.

## 18. A renovação contínua

Cheguei ao rio, que na verdade era um pequeno córrego de no máximo uns dois metros de largura que serpenteava por entre as árvores, quando, então iniciei a lavagem da tela seguindo as instruções de Barladell para que ela não fosse danificada. Era necessário que fosse limpa de forma lenta e cuidadosa.

Durante a limpeza um pensamento me veio à cabeça e indaguei a ele: “– *Você me disse que a Terra passa por ciclos contínuos de inversão magnética, o que realmente é essa inversão?*”.

“– *Apesar do que muitos pensam, na Terra, esse não é um processo místico. É um evento natural e simples. A frágil estabilidade do universo se dá através das interações de força e movimentos dos corpos celestes. O seu planeta funciona como um ímã gigante vagando pelo espaço. Assim como a agulha de uma bússola, ele tende a se alinhar com o campo magnético mais forte que existir por perto. A Terra gira em torno do Sol, o seu Sol gira em torno do conglomerado de Sagitários, que alguns pensam ser um buraco negro. E Sagitários, e toda a sua galáxia, gira em torno de*

*uma estrela, que muitos denominam de Alcione. Ela é o corpo celeste de maior força magnética nessa região do espaço. Alcione interage não somente com a Terra, mas com milhares de outros corpos que possuem campo magnético ativo, assim como o seu Sol. O percurso cósmico da Terra em torno de Alcione é elíptico. Os momentos críticos se dão nos pontos em que a Terra está mais próxima de Alcione. Ao se aproximar desses pontos, o campo magnético da Terra começa a se alinhar com o da estrela, até que, ao passar pelo ponto crítico, se inverte totalmente. No restante do percurso, a influência de Alcione é mínima, quase imperceptível. Os efeitos para a estrutura física da Terra são mínimos, mas para a vida que nela habita são catastróficos”.*

*“– Como eu já havia lhe falado, magnetismo e gravidade são manifestações de uma mesma força. Essa inversão magnética também causa perturbações gravitacionais em vários pontos da Terra. No início da inversão poucos eventos são percebidos, mas quando o alinhamento está completo e o campo começa a se movimentar no sentido contrário, a rotação do Planeta lentamente começa a parar e a se inverter. Esse é o momento crítico. De um lado os mares avançam sobre a terra, do outro recuam até sumir totalmente. Junto com as águas, a atmosfera também se descontrola*

*e os resultados são imprevisíveis. Tempestades violentas se formam em vários lugares. A crosta terrestre começa a ser tensionada e terremotos surgem em todo o Planeta. Vulcões entram em erupção, faixas de terra desaparecem e outras surgem. Todo esse caos continua até que a Terra comece a girar em sentido contrário. Nesse momento tudo volta a se acomodar e os efeitos devastadores vão diminuindo até cessarem completamente”.*

*“– Durante a transição, o seu Sol também passa por um processo similar de inversão magnética e de rotação. Esse processo causa variações bruscas de temperatura na Terra devido às fortes tempestades solares. Não será o fim da vida na Terra, mas muitos perecerão. Ao final da transição a Terra estará completamente mudada. Os locais mais seguros no planeta são as áreas planas distantes dos mares e próximas do centro das suas placas tectônicas. Toda a tecnologia que não estiver protegida contra as emissões cósmicas sucumbirá e a única forma de fazê-lo é através do envelope energético, o mesmo que protege e impulsiona as naves espaciais”.*

Barladeil ainda afirmou que o conhecimento terrestre em relação aos processos tecnológicos que poderiam minimizar os impactos negativos da transição ainda era muito básico. Em algumas

áreas chegava a ser totalmente inexistente. Para piorar a situação vários cientistas da Terra, apesar de não terem total certeza, já pressupõem os acontecimentos futuros, mas permanecem calados ou ignoram o assunto para não serem ridicularizados.

## 19. Concluindo a ordem de serviço

Perguntei quando tudo iria acontecer novamente e ele não me respondeu. Indaguei se durante o meu tempo de vida eu iria presenciar os eventos relatados por ele e também não obtive resposta alguma. Notei que não se sentia confortável com o rumo daquelas perguntas. Resolvi não insistir, pois percebi que não acrescentaria nada mais a esse assunto.

A limpeza da tela já estava finalizada. Agora era possível ver a estrutura da peça. Era formada por arames, ou tubos entrelaçados, bem próximo uns dos outros, aparentemente, de cor branca e do diâmetro dos canudinhos plásticos para refrigerante. Possuíam uma textura porosa como se fossem feitos de algum material sinterizado<sup>6</sup>.

Mesmo após a lavagem com água fria, a tela apresentava uma temperatura elevada ao toque. Dava a impressão que existia alguma fonte de calor no interior dos tubos.

---

<sup>6</sup> Processo de fabricação que consiste na compactação de grãos metálicos que posteriormente recebem tratamento térmico para ativar a ligação atômica entre as superfícies dos grãos visando a obtenção de peças sólidas coerentes.

Levei-a de volta para a nave e remontei o sistema. Barladell, novamente me enviou à cúpula da nave. Pela segunda vez fui ao painel de comando e comecei a deslizar minha mão sobre a sequência de símbolos que surgiam a minha frente.

A nave começou a vibrar e pude perceber que o ar da cabine estava sendo sugado para algum lugar. Novamente eu estava com dificuldades para respirar e com aquela sensação estranha, de corpo pesado, que senti quando entrei pela primeira vez na nave. Barladell me alertou para deixar o local rapidamente.

Saí da nave e fiquei ao lado de Barladell enquanto ela emitia um zumbido estranho. De repente o silêncio era total. A luz azul esverdeada emitida pela nave ficou mais forte e começou a pulsar. Barladell me pediu que lhe ajudasse a subir a escada e o deixasse na entrada da nave. Fiz o que ele pediu. Então, ordenou que me afastasse do veículo, para minha própria segurança.

Desci a escada e fiquei do outro lado da clareira observando o que estava acontecendo. Após algum tempo sentado na entrada da nave, ele se levantou, respirou profundamente e deu sinais que estava

se sentindo bem melhor. Nesse momento foi possível perceber sua pequena estatura e constituição física sob aquele traje apertado.

De longe, ele me agradeceu. Perguntei se ia ficar bem e se retornaria para o seu planeta para consertar a nave. Respondeu dizendo que aquele era apenas um veículo de pesquisa e não era preparada para longas viagens. Ele teria que esperar a próxima nave de manutenção e suprimentos, que era mais equipada e que eu não deveria me preocupar, pois ficaria bem até a sua chegada.

Ele fez um rápido aceno e entrou. A escada foi recolhida rapidamente e a porta fechou. Após isso parecia que a estrutura da nave havia sido selada, pois não era mais possível identificar as posições de saída da escada ou de abertura da porta.

A luz pulsante azul esverdeada que emanava de sua parte inferior tomou conta de toda a nave e ela flutuou. Nesse momento senti todos os pelos do meu corpo oscilarem, mas de uma forma mais intensa do que da primeira vez.

As estruturas, que serviam como trens de pouso, três ao todo, foram lentamente recolhidas. Após o fechamento de suas escotilhas

também não foi mais possível identificar suas posições na estrutura do veículo. A nave começou a subir verticalmente passando da altura da copa das árvores. Num dado instante a fluorescência começou a se transformar no mormaço. A nave ficou praticamente invisível, mas ainda era possível identificar o seu perfil. Ela continuou subindo até se confundir com as estrelas e desapareceu totalmente.

## 20. O segundo contato da noite

A noite já não estava mais tão clara como antes. Fui até o tronco onde Barladell estava e fiquei sentado olhando o céu atônito e pensando no que havia acontecido. Não sei quanto tempo havia se passado nem quanto tempo fiquei ali sentado. No horizonte já era possível visualizar os primeiros raios do sol e quando olhei para a mata, na direção da estrada, notei luzes vermelhas e azuis piscando, pensei: “– *Será que ele voltou?*”.

Entrei novamente na mata, indo na direção em que eu havia deixado o carro. Caminhei novamente entre espinhos e galhos na esperança de reencontrar Barladell. Queria continuar nossa conversa, pedir que me levasse com ele antes que o pior acontecesse na Terra.

À medida que eu caminhava as luzes ficavam mais fortes. Era possível ouvir vozes ao longe e quando saí da mata, lá estavam eles, parados, me olhando. Eram dois seres uniformizados e com coletes. Um deles, que possuía uma arma na mão, apontou-a para mim e

gritou: “— *Policia Federal! Fica paradinho aí!*”. As luzes vinham de uma viatura preta da PF<sup>7</sup> que estava parada ao lado do meu carro.

Os agentes me revistaram e um terceiro policial veio em nossa direção dizendo que estava tudo em ordem. Perguntaram se o carro era meu e o que eu estava fazendo parado ali. Fiquei inicialmente sem ação, não adiantava contar o que havia ocorrido que eles não acreditariam. Resolvi contar que estava indo para Fortaleza e tinha comido alguma coisa na estrada que me fez passar mal. Então tive que parar urgente e correr para me aliviar no mato, mas que já estava tudo bem agora.

Eles me disseram que também iam para Fortaleza quando viram o carro parado na beira da estrada e resolveram averiguar a situação. Um deles, que usava o celular insistentemente, disse que estava tudo certo com o carro e com os meus documentos e disse que eu podia seguir em frente. Entrei no carro, voltei para a estrada e continuei a viagem até Fortaleza.

---

<sup>7</sup> Polícia Federal.

## 21. O dia seguinte

Cheguei a Fortaleza por volta das dez e trinta da manhã. Assim que entrei na cidade esqueci completamente o que havia se passado na madrugada anterior. Procurei um hotelzinho barato, dei entrada e fui dormir. A reunião seria às dezessete horas, mas quando acordei já passava das vinte. No meu celular, haviam várias ligações não atendidas.

Naquele momento, me dei conta que havia perdido uma boa oportunidade de negócio, mas não estava preocupado. Fui ao frigobar peguei uma latinha de cerveja e um pacote de batatas. Liguei a TV e enquanto assistia ao jornal local não conseguia deixar de pensar naquele sonho maluco. Eu olhava para a televisão e não entendia nada do que os repórteres estavam falando. Terminei a cerveja e fui ao banheiro relaxar o corpo debaixo do chuveiro. Tirei a camisa, a calça e a cueca. Eu havia dormido de roupa e tudo e não tinha tirado nem os sapatos, e fui jogando tudo sobre a pia do banheiro.

Apesar de aquele sonho ter deixado imagens vívidas na minha cabeça, consegui, por instantes, esquecer o assunto e me concentrar

apenas na água morna que caía e descia relaxante pelas minhas costas. Passei uns vinte minutos curtindo o banho, sem pensar em mais nada.

Ao terminar, puxei a toalha que estava sob a roupa suja na pia e sem querer deixei cair no chão a camisa usada na viagem. Quando a camisa tocou o piso ouvi um som metálico, bem baixinho, o qual tomou conta do banheiro como se fosse o sino de uma grande catedral badalando. Eu já sabia o que era, mas estava com medo de olhar. Peguei a camisa, apalpei o bolso e lá estava ele: o comunicador.

Então não fora um sonho. A história era real e eu tinha como provar. Sentei à beira da cama e tentei me lembrar de tudo que havia acontecido. A TV ainda estava ligada. Minha cabeça ficou muito confusa, não conseguia organizar meus pensamentos, imagens surgiam na minha mente, eu escutava sons estranhos, sentia o cheiro da mata.

De repente senti que poderia estar enlouquecendo. Levantei e desliguei a TV, estava passando uma novela. O quarto ficou totalmente escuro, deitei na cama, coloquei a toalha molhada sobre a

cabeça e fechei os olhos por alguns segundos para relaxar quando ouvi alguém batendo na porta do quarto.

Nem me dei ao luxo de tirar a toalha do rosto e gritei: “– *Quem é?*”, uma voz feminina responde do outro lado: “– *Serviço de quarto! O senhor quer que eu limpe o quarto agora?*”. Naquele horário impróprio não pensei duas vezes e gritei novamente: “– *Puxa vida! Isso são horas?*”, a voz novamente responde: “– *Me desculpe senhor, é que já são nove e trinta da manhã! Eu passo no final da tarde então!*”.

Pulei da cama rapidamente como se estivesse deitado em cima de espinhos. Joguei a toalha longe, abri os olhos e a claridade ofuscou a minha vista. Olhei pela janela e parecia um dia como outro qualquer. Procurei o meu celular e confirmei a hora: nove e trinta e sete.

De início não acreditei naquela situação. Eu havia apagado por mais de doze horas, mas na minha cabeça passaram-se apenas alguns segundos. Comecei a lembrar do sonho estranho da noite passada, até algo estalar dentro de mim. Corri desesperadamente para o banheiro e não achei. Fui até a cama e encontrei, sob os lençóis, a camisa da

viagem. Ela estava enrolada, mas ao pegá-la foi possível sentir o dispositivo.

Voltei a sentir o mal estar da noite passada. Imagens estranhas dominavam os meus pensamentos. Nuns poucos segundos de *flashback*, revivi todo o encontro. Eu havia realmente estado com um ser de outro planeta e isso estava seriamente me afetando.

## 22. De volta para casa

Procurei me acalmar. Tomei novamente um banho, frio dessa vez, me arrumei e pensei no que fazer. Em primeiro lugar eu tinha que voltar para casa, em São Luís, pois não havia mais nada o que fazer na cidade.

Fechei a conta do hotel, peguei o carro e sai em direção à BR. Enquanto transitava pela cidade, vi uma cegonha estacionada num posto de gasolina. Lembrei que precisava abastecer. Parei o carro e enquanto abastecia vi o motorista daquele caminhão indo em direção à loja de conveniências do posto. O rosto me era familiar. Estacionei o carro e fui até a loja beber alguma coisa.

O motorista me olhou e veio em minha direção: “– *E aí cara, há quanto tempo? Tá fazendo o que em Fortaleza?*”. Lembrei-me dele, já o conhecia de longa data. Fazia tempos que não nós víamos, mas simplesmente não conseguia lembrar o seu nome.

No meio da conversa ele me disse que estava indo para São Luís, iria embarcar alguns veículos e levá-los para Goiânia. Nesse

momento comecei a lembrar da noite passada e fiquei com receio de pegar a estrada de volta para casa.

Perguntei se seria possível ele levar o meu carro até São Luís, se era necessário algum documento e quanto seria o frete. Ele me disse que não seria incomodo nenhum. Que deixaria o carro em São Luís sem problema algum e que não me cobraria nada por isso.

Eu continuava sem lembrar o nome dele, mas senti que podia confiar. Tirei a bagagem do carro e entreguei as chaves. Ele me disse que estaria em São Luís em vinte e quatro horas e me deu o endereço onde eu deveria pegar o carro. Depois perguntou como eu iria retornar para São Luís. Fiquei pensativo por alguns segundos e respondi: “– *De avião! Eu vou voltar de avião!*”. Chamei um taxi e nos despedimos.

## 23. O encontro nas nuvens

No trajeto até o aeroporto começaram a aflorar, em meus pensamentos, lembranças claras dos acontecimentos vividos na noite passada. Peguei o comunicador na mão e o segurei como se esperasse algum novo contato. Por vezes tive a impressão que ele estava vibrando, mas quando parava para verificá-lo nada ocorria.

Cheguei ao aeroporto, me dirigi a um balcão qualquer e por sorte havia um voo com saída prevista para as quinze e trinta. Comprei o *ticket*, fiz o *check-in* e despachei a bagagem. Fiquei apenas com o comunicador, que estava no bolso da camisa e a carteira com documentos e dinheiro. Sentei no saguão do aeroporto e fiquei ali, esperando o horário de embarque.

O pensamento estava longe quando escutei a última chamada para o voo. Fui até a sala de embarque e fiquei preocupado quando vi os outros passageiros passando pelo detector de metais. Fiquei um pouco nervoso, não pelo fato de estar com um dispositivo alienígena no bolso, afinal quem saberia do que se tratava? Mas pelo medo de perder a única evidência física daquele encontro.

Chegou a minha vez, passei pelo detector e nada, nenhum sinal. Parei, voltei e passei novamente, o agente do aeroporto perguntou o que eu estava fazendo, respondi que achei que havia escutado o sinal da máquina e pensei que deveria voltar. Ele me disse que estava tudo bem e que eu deveria seguir para a sala de espera.

Aquela peça era nitidamente de metal, mas mesmo assim passou pelo detector, por duas vezes, sem acusar nada. Embarquei na aeronave e me sentei próximo a uma janela. Coloquei a mão no bolso da camisa e senti que o comunicador ainda estava lá. Resolvi relaxar, fechar os olhos e curtir o voo até São Luís.

O avião já estava em altitude de cruzeiro quando tive a impressão de ouvir alguém falando comigo. Abri os olhos e não vi ninguém. A aeromoça já estava concluindo o serviço de bordo. Eu estava sozinho na minha fila de assentos e nenhum dos passageiros à minha volta pareciam se importar comigo.

Comecei a ouvir vozes, era possível distinguir duas ou três diferentes foi quando me dei conta que não conseguia entender nada do que era dito. Elas novamente surgiam como se pessoas estivessem falando dentro da minha cabeça. Perdi a lucidez por alguns segundos,

pensei que fosse enlouquecer, então fechei os olhos e tentei me acalmar. Uma aeromoça que passava naquele momento colocou a mão sobre o meu ombro e perguntou se estava tudo bem comigo. Olhei para ela, disse que estava tudo normal, que era apenas um mal estar passageiro e voltei minha atenção para a janela do avião.

Passei a acompanhar as nuvens que passavam ao longe. As vozes continuavam na minha cabeça, indo e vindo. Algumas vezes pareciam estar falando em inglês, em outras, francês. Alguns sons me fizeram lembrar a minha primeira comunhão. Parecia que estavam falando em latim.

De repente comecei a entender o que estava ocorrendo. Ao longe, por detrás das nuvens era possível ver o mormaço acompanhando a avião. Em alguns momentos dava para perceber a silhueta da nave que saía de foco rapidamente.

Coloquei a mão no bolso e pude sentir o comunicador vibrando em alguns momentos. Tive a certeza que eu estava captando a conversa entre os seres daquela nave. Não sei se eles sabiam disso. Acredito que não! A comunicação começou a ficar mais fraca, então o capitão anunciou que em alguns minutos estaríamos realizando os

procedimentos necessários para o pouso da aeronave no aeroporto de São Luís. Olhei novamente para fora do avião e não vi mais a nave. As vozes cessaram totalmente.

Enquanto o avião aterrissava pela primeira vez parei para analisar o comunicador. Era uma peça aparentemente metálica um pouco maior que uma caixa de fósforos. Parecia ser feita de um bloco único, pois não se conseguia ver ou sentir encaixes ou reentrâncias de qualquer natureza. Em um dos lados era possível notar pequenas inscrições em baixo relevo. Eram idênticas aos símbolos dos painéis de controle da nave. Nesse momento percebi que lembravam um pouco os hieróglifos egípcios e maias. Os cantos eram levemente arredondados e as faces lisas e de aparência opaca. Em alguns momentos era possível sentir uma leve vibração, como o *vibracall* de um celular. Aquele dispositivo era capaz de receber e transmitir informações na forma de ondas cerebrais. Não era percebido por detectores de metais e não existia nenhum indício de como o mesmo havia sido fabricado.

## 24. O exame médico

No dia seguinte acordei com um leve mal estar. Eu sentia uma forte dor de cabeça e náusea. Fui ao banheiro e acabei vomitando. Apresentei também uma leve diarreia. Durante o dia não senti fome e em alguns momentos sentia o coração acelerado. Minha esposa ficou preocupada e me disse para procurar um médico. Não comentei nada com ela sobre o ocorrido. Assim que cheguei do aeroporto, me adiantei em esconder o comunicador num local seguro.

No início da noite meu amigo caminhoneiro ligou. Eu ainda não lembrava o nome dele. Disse que o carro estava sendo descarregado e eu poderia buscá-lo mais tarde. Perguntei se poderia pegá-lo no dia seguinte, pois não estava me sentindo muito bem. Ele disse que não tinha problema. Estava carregando a cegonha, iria partir para Goiânia pela manhã bem cedo, mas deixaria tudo esquematizado para liberação do veículo.

No dia seguinte acordei melhor. Durante o banho notei uma queda de cabelo um pouco fora do normal e resolvi procurar um clínico geral, amigo da família, para saber o que estava acontecendo.

Ele me recebeu em sua casa, falei sobre os sintomas, a respeito da viagem, mas não entrei em detalhes. Disse-lhe apenas que havia sido muito cansativa. Ele me examinou, não detectou nada de anormal e disse que poderia ter sido o estresse de uma viagem longa. Recomendou algumas vitaminas e requisitou um exame completo de sangue para que possam ser sanadas quaisquer dúvidas. Recomendou-me um determinado laboratório e disse que ele mesmo pegaria o resultado, depois me ligaria caso existisse algum motivo que pudesse suscitar preocupação.

Dois dias após, o Doutor me ligou, perguntando se eu estava me sentindo melhor, no entanto naquele momento já não sentia mais nenhum sintoma do mal estar. Perguntou novamente sobre a viagem e se tinha acontecido alguma coisa incomum. Comecei a ficar preocupado, mas fiquei com receio de ser obrigado a relatar o que havia realmente acontecido.

Perguntei se havia aparecido algo grave no exame, ele me respondeu dizendo que tinha dado algumas “*alteraçõeszinhas*”, mas não seria nada preocupante. Disse que ia rever os exames e que no final de semana conversaríamos melhor.

Fiquei preocupado e confuso, não sabia o que poderia estar ocorrendo nem a gravidade do problema. Resolvi não forçar a barra e esperar pelo final de semana.

No sábado à tarde passei novamente na casa do Doutor. Não consegui conter a ansiedade, dei boa tarde e fui logo perguntando que problemas haviam sido detectados no exame. Ele deu um sorrisinho meio sem graça e disse que os exames tinham apresentado alguns resultados que lhe pareceram bastante estranhos. Perguntou novamente se eu estava me sentindo bem e meio sem jeito abriu o jogo: “– *O caso é o seguinte cara: quem fez os exames foi um amigo meu que é laboratorista. Quando ele me entregou os exames, ele foi logo perguntando se esse aqui ele chegou a conhecer. No momento eu só olhei para a cara do energúmeno e não falei nada, mas quando eu cheguei em casa e vi os resultados, eu te juro que não estava entendendo nada. Nunca tinha visto resultados assim. Pelos exames naquele momento a gente deveria tá tomando aquele cafezinho forte com biscoitos, entendeu!?*”.

Perguntei o que havia de tão estranho nos exames e ele me disse que havia consultados alguns colegas a fim de ouvir outras opiniões bem como a literatura médica em busca de respostas. A

única explicação plausível seria a contaminação da minha amostra de sangue, ou ... eu havia sofrido algo parecido a um envenenamento radioativo.

“– É ...”, comentei, “... *tu já foi melhor nesse negócio de exame. Faz o seguinte: vamos abafar o caso nessa da contaminação da amostra e esquecer o assunto*”. Eu não queria entrar nos detalhes da viagem. Senti que ele ficou meio constrangido com os resultados do exame e resolvi desviar sua atenção.

## 25. Duras noites

Novamente acordo suando frio, o despertador indica três e vinte da madrugada. É a segunda noite que isso ocorre, como se algo me chamasse durante a noite. Acordo num ambiente estranho como se tudo ocorresse em câmera lenta. Ao lado, minha esposa dorme um sono profundo como se nada pudesse perturbar o seu sossego naquele momento. Dessa vez levanto da cama e vou até o armário, abro-o e minha mão vai direto naquele cantinho secreto. Lá estava ele, reluzente e brilhante. Por alguns instantes foi possível sentir a sua vibração.

Já se passou mais de um ano desde a data do contato. A última vez que havia pensado no caso foi quando o Doutor comentou sobre o envenenamento. Desde aquele dia esqueci por completo o assunto. Durante todo esse tempo tentei comentar o ocorrido uma ou duas vezes. Sabe como é: um amigo me contou que um dia... , mas a história acabava soando como se tratasse de um caso, exagerado em seus detalhes, por algum pescador. Ignorei o assunto por um bom tempo, nem em casa comentei o que havia ocorrido. Mas existem

situações que não podem ser ignoradas, existem assuntos que não lhe deixam em paz.

Sabia que estava ocorrendo alguma coisa naquela noite, fui até a janela e estava tudo calmo. Ao longe o mormaço estava pairando sobre o telhado das casas. Com certeza esperava por mim. Não foi nenhuma surpresa, pois de alguma forma eu já sabia que ele voltaria algum dia. Peguei o comunicador, puxei a velha cadeira do papai, recostei-me e esperei.

“– *Tudo bem com você?*”. Era a voz de Barladell ecoando novamente na minha cabeça. O que o traz até a minha casa indaguei. “– *Naquela noite eu perdi uma coisa e somente agora percebi que estava com você! Preciso que você me devolva o comunicador*”, “– *Eu sabia que você voltaria algum dia para buscá-lo, está aqui, pode vir pegar*”, “– *Não meu amigo, as coisas não são tão simples assim, preciso que você o leve até um local mais apropriado. Não posso pousar em qualquer lugar. Esteja pronto amanhã nesse mesmo horário. Irei lhe guiar até um lugar seguro*”.

## 26. Um novo encontro

Acordei pela manhã e não dei muita atenção para aquele sonho estranho. Depois de tanto tempo, Barladell estaria de volta? O dia transcorreu normalmente. Assim como ocorria quase todas as noites fui para cama por volta das dez horas. Por mais estranho que pareça eu havia esquecido completamente do contato, ou do sonho, da noite anterior.

Deitei, dormi, mas tudo voltou à mente quando acordei no meio da noite com a voz de Barladell: “– *Levante-se, está na hora!*”. Acordei atordoado, ao meu lado, minha esposa dormia um sono profundo novamente. Ela nem se mexia. Coloquei uma roupa e entrei no carro de uma forma tão automática que até parecia que eu não possuía mais vontade própria.

Liguei o carro e saí rodando seguindo as indicações de Barladell. Segui por uma estrada deserta e mal iluminada até uma espécie de campo de futebol. Estava uma noite muito escura, a única iluminação era a aquela luz azul esverdeada que emanava da nave pousada no meio do campo.

Quando cheguei mais próximo, o carro desligou-se completamente como se toda a energia fosse sugada do ar. Barladell já me esperava fora da nave e somente naquele momento pude perceber o quanto era pequeno. Acredito que ele não passava de um metro e meio de altura.

Na porta da nave havia outro ser nos olhando ou nos vigiando, não sei! Entreguei o comunicador a ele. “– *Então é isso, o comunicador já está aí e você pode voltar a nos estudar sem problemas. Eu posso lhe fazer uma pergunta*”; “– *Eu já esperava pelas perguntas, pode prosseguir!*”; “– *Por que vocês nunca fazem contato, pelo menos de forma oficial para algum governo importante?*”.

“– *O contato sempre existiu, mas a divulgação não cabe a nós. A sua raça ainda não tem a real capacidade de entender a magnitude desse momento. Enquanto existir a consciências isoladas de povos, de governos, de grupos, o seu povo não evoluirá como raça cósmica. Iremos nos apresentar para quem? Para o governo brasileiro, para o governo dos Estados Unidos, para os chineses? Quem será o verdadeiro representante da raça humana?*”.

Ele me contou que no passado, mesmo com as proibições do Conselho, alguns povos isolados da Terra eram contatados diretamente por raças superiores. Estes contatos, em sua maioria, tinham o objetivo de disseminar tecnologias que possibilitassem avanços sociais e tecnológicos mais expressivos para a Terra.

Conceitos básicos de matemática, física, química, biologia, astronomia e organização social eram cuidadosamente selecionados e repassados levando-se em conta a capacidade intelectual da comunidade local. Através deste processo grandes civilizações prosperaram, mas o mesmo teve que ser posteriormente abortado, pois as tecnologias apresentadas estavam sendo ocultadas e utilizadas como forma de perpetuação de poder. Com o tempo as tecnologias que dariam um futuro melhor ao planeta, por não terem sido difundidas, se perderam e os contatos diretos não foram mais retomados.

Barladell segurou minha mão, agradeceu novamente e retornou à nave. Os dois seres entraram e a porta fechou. A nave começou a flutuar e subiu lentamente até se perder na escuridão da noite. O carro voltou a funcionar. Entrei, liguei o motor e retornei para casa.

Durante o retorno eu não conseguia tirar do peito aquela sensação de romance mal acabado. De repente tudo se foi com a mesma simplicidade que havia chegado. Seria uma parte da minha vida que só existiria nas minhas lembranças.

## 27. Sonho ou realidade

Durante muito tempo sonhei com aqueles encontros. Algumas vezes acordava à noite soando frio e com uma sensação tão estranha que até eu mesmo chegava a duvidar se tudo aquilo havia realmente acontecido. Aos poucos, as lembranças iam ficando cada vez mais distantes. Acredito que no fundo da alma eu realmente quisesse esquecer aqueles momentos.

Não foram fatos constrangedores ou dolorosos, mas num momento você está se questionando sobre o sentido da vida e noutro está ajudando um viajante das estrelas. É de dar um nó na cabeça. Você olha ao redor e começa a perguntar: “– *O que eu estou fazendo aqui?*”. Muitas coisas perdem sentido. Deveria ser um momento de certezas, mas ocorre exatamente o inverso, você começa a pensar nas histórias dos Maias, das tribos indígenas americanas, dos Egípcios, dos povos antigos da Índia, da China, nas Teorias Conspiratórias, no fim do mundo.

Algumas vezes você tenta falar, mas algo lhe reprime, lhe tranca a voz dentro do peito. Você será apenas mais um a ser taxado

de sortudo ou de louco, pois nenhum fato poderá ser provado, nenhuma evidência poderá ser apresentada.

Não conseguiria descrever exatamente no que acredito. Acredito que exista algo em comum no universo que permeia todas as coisas em todos os lugares. Que existam outros mundos e outras formas de vida. Talvez essa seja a definição de Deus.

Acredito que as evidências estejam espalhadas pela Terra e pelo universo. Talvez não as vejamos porque na realidade não sabemos nem o que estamos procurando. Guardamos poucas lembranças da nossa infância e uma das poucas que recordo foi a primeira vez que vi o mar. Lembro-me de estar no carro com meus pais. Eu estava sentado no banco de trás, no meio, meu Pai falava que íamos ver o mar, que iríamos brincar na areia e que já estávamos chegando.

O acesso à praia era através de uma ladeira bem alta. Assim que chegamos ao alto dessa ladeira meu pai falou: “– *Chegamos, olha o mar ali na frente!*”. Dos meus seis ou sete anos de idade a única coisa que eu via era o céu azul com uma faixa esverdeada em baixo. Não conseguia entender o que estava acontecendo, eu queria

muito ver o mar, mas eu não sabia o que era o mar. Eu ficava perguntando: “– *Cadê, eu não estou vendo nada, cadê o mar?*”.

Só alguns segundos depois, quando o carro começou a descer a ladeira, que foi possível ver a areia, as outras crianças brincando, a arrebentação das ondas, o sol brilhando sobre as nuvens. Somente naquele momento foi que eu entendi o que era o mar.

Li em algum lugar que os índios viram as caravelas portuguesas chegando ao litoral do Brasil, mas que eles não se deram conta do que estava ocorrendo, porque simplesmente não sabiam o que era uma caravela. Só se deram conta da burrice que fizeram, em receber os exploradores portugueses, muito tempo depois.

Se voltássemos no tempo, uns quinhentos anos atrás, será que conseguiríamos explicar as tecnologias atuais para as pessoas daquela época? Será que eles compreenderiam o que é um telefone celular, um forno de micro-ondas, um ônibus espacial? Entenderiam como funciona uma simples vacina? Será que acreditariam que é possível retirar o coração de um homem, já sem vida, implantá-lo e fazê-lo novamente bater no peito de outra pessoa?

Acredito que a raça humana esteja nesse mesmo patamar. Apontamos toda a nossa tecnologia para as estrelas a procura de algo que nem mesmo sabemos o que pode ser. Hoje me sinto um homem das cavernas. Procuramos pelo cosmo evidências de vida, mas que tipo de vida nós esperamos encontrar?

## 28. Para a posteridade

A maior dificuldade do homem é acreditar em si mesmo. Você só evolui quando acredita na própria capacidade e não na capacidade dos outros.

Mais tempo se passa do ocorrido. Sinto a necessidade de compartilhar minha experiência. A vida volta para as mesmas rotinas de sempre. Penso no que Barladell disse: que não lhes cabia a divulgação dos contatos, que tudo dependia da consciência do homem. Acredito que nossa consciência ainda não esteja preparada para essas revelações, mas sinto que é minha obrigação repassá-las antes que se percam na minha mente.

Sei que as chances de virar mais uma entre milhares são grandes. Afinal, como Barladell mesmo disse: “... *quem vai acreditar em você, não é mesmo?*”. Mas tudo começa pequeno e quanto mais histórias forem contadas, mais próximos estaremos da verdade, ou não!

Novamente acordo à noite pensando em tudo que ocorreu. Faço mais uma vez esforço para lembrar todos os detalhes. Dessa vez não tenho dúvidas do que devo fazer. Levanto-me, ligo o computador e começo a digitar: *“Passava pouco mais das dezoito horas quando cheguei em Teresina. Tinha pela frente mais seiscentos quilômetros de estrada e precisava chegar a tempo para a reunião em Fortaleza. Era uma noite quente e calma. Cortei a cidade ...”*

*Será o fim?*